

TatiBrasil



Povo Ponte

Povo Ponte

Povo Ponte



*(os personagens são pessoas reais e
tudo o que está descrito aconteceu de verdade.
Não existem meras coincidências.)*

Para meu pai, Dirceu Borges

Introdução

Voce faz alguma idéia de onde fica onde eu vivo? Desenhei esse mapa de maneira que voce possa visualizar mais especificamente onde fica esse lugar onde eu estou vivendo nesse exato momento. A dificuldade é que esse lugar é uma parte do Triângulo – que não é uma cidade, nem estado, nem província. E só um lugar. E eu vivo num pedaço dele.

Acho que para todo mundo é um tanto óbvio que quando se fala de um lugar, essa palavra inclui um pedaço de terra, pessoas vivendo nela, cães, gatos e outros bichos. No mínimo. Mas é que para mim, as coisas não são assim tão óbvias. Um lugar não precisa ter necessariamente chão, um lugar é uma

coisa que tem várias definições sempre mudando...

Mudança, diz minha mãe, é a única certeza que a gente tem na vida ... Ela diz coisas que eu acho que entendo, e outras vezes ela diz coisas como pudesse ler o que eu estou sentindo. Ela não responde, só diz.

Antes eu morava na Holanda, onde nasci. Vir para cá, foi uma ideia da minha mãe: um dia minha mãe acordou com uma urgência de recuperar as palavras perdidas, palavras na língua que ela falava enquanto era criança.

“Vai ser só por um tempo, talvez uma vida inteira, eu não sei ao certo” ela me explicou. “Na realidade, não importa muito. Você vai crescer e quando isso acontecer, você vai determinar para onde quer ir.” Imediatamente após tomar essa decisão, ligou para a companhia de transportes. Poucos momentos depois, homens sorridentes loiros e vestidos em macacões brancos entraram na minha casa e puseram todos os meus pertences em caixas grandes e pequenas. Tudo o que tínhamos desapareceu dentro dessas caixas: cadeiras, mesas, panelas, brinquedos, minha bicicleta, e todas as peças de Lego que eu economisei durante meus nove anos de vida.

“Vá dar uma volta,” disse um desses homens. “Vá brincar lá

fora, as suas coisas não vão sumir” garantiu o mais jovem, um desses para quem a memória da dor em ver seus brinquedos desaparecerem dentro de caixas não devia estar muito longe. “E a Senhora acha isso razoável, dona?” disse a diretora. “A senhora quer tirar o seu filho da escola, assim, de um dia para o outro e levar ele para um outro lugar, outra língua, outros costumes, outros bichos e barulhos?”. Minha mãe silenciava, não porque ela não soubesse falar Holandês, mas porque não conseguia entender porque o que ela estava fazendo iria ser prejudicial.

“O seu filho pode sofrer, pode ter que se adaptar, não vai mais ser um verdadeiro Holandês, não vai ter um emprego decente na União.”

Minha mãe, que atende pelo nome que ela mesma se deu – de Híbrida (por que é mãepai) – nunca fica brava. Nervosa ela fica sempre. Quando isso acontece, o cabelo fica de pé e brilha um brilho roxo, os olhos dão voltas como em espiral. Ela disse para a escola:

“O mundo não é mais tão pequeno... o mundo tem a sabedoria que o meu menino precisa para viver. E, espero que a senhora me entenda dona diretora da escola, mas, por favor, explique, porque uma pessoa iria ser infeliz por ir a pro-

cura de coisas? Todos queremos tesouros. Por todas as coisas estranhas do oriente, as mágicas da África, e todos os elfos da Germania”... Por todos os tesouros e segredos que estão aguardando por serem descobertos: Eu Vou!”

Ela até esquece que ficou tão nervosa que saia fumaça por debaixo da roupa. “Aqui está o seu diário de viagens, Renato” disse minha mãe, segundo ela mesma, mulher de não dar ponto sem nó, esperar a grama crescer ou chorar sobre leite derramado. Era um caderninho de capa de couro e um cordão enfeitado que dava várias voltas pela capa que mostrava um selo redondo de um navegador usando uniforme: “Não esqueça de escrever nele suas descobertas e segredos. Pistas e hipóteses serão também bem vindas, nunca se sabe nessa vida...” disse sempre mergulhada em pensamentos profundos, mesmo enquanto fazia as malas da mudança.

Foi que por os pensamentos dela terem estado tão profundos que todas as roupas estavam erradas. As blusas tinham bolinhas que faziam formatos diversos, linhas e dobras de camisas nunca tinham sido passadas a ferro. E eu só trouxe para Atvar camisetas que eram o dobro do meu tamanho e muito coloridas, sendo que eu gosto de camisas brancas.

No dia seguinte estávamos em Atvar. Minha mãe, eu, um monte de caixas de papelão contendo todos os nossos pertences e uma cachorrinha preta que havia nascido no exato momento em que o avião aterrisou e que recebeu o nome de Hannah - que é um nome igual por todos os lados.

Antes de começar a contar essa estória, preciso dizer que cheguei a conclusão de que existem algumas coisas que são importantes para se saber com relação a pessoas. As pessoas são diferentes umas das outras, cada pessoa tem seu jeito de fazer as coisas, o próprio sistema. Um sistema é o jeito que se pensa. Por exemplo, eu não gosto de ler letras, mas mapas eu leio, estudo as formigas e os cupins, por que eles fazem o próprio mundo. Os cupins são mais legais que as formigas por que têm castelo. A cor dos cupins é amarelo. Perto de onde eu nasci tem lugares com castelos.

O que quero dizer é que, mesmo que as pessoas vindas de lugares diferentes dos seus pareçam bem diferentes, no fundo são bem iguais. Eu cheguei então a conclusão de que as coisas iguais não são muito iguais e as coisas diferentes não são tão diferentes assim. Foi por isso, foi procurando duas coisas: as coisas diferentes e as coisas iguais, que eu e minha mãe fomos para Atvar.